

CARTA ABERTA ÀS SERVIDORAS E AOS SERVIDORES DO IFPR

Paraná, 6 de maio de 2020.

Prezadas e prezados colegas,

O surto da COVID-19, causada pelo SARS-CoV-2 (novo coronavírus), tornou-se uma emergência de Saúde Pública sem precedentes, com impactos sociais, econômicos e de saúde na vida de bilhões de pessoas. Em pouco tempo, nossa comunidade escolar passou a enfrentar a realidade do distanciamento social e a suspensão das atividades presenciais.

Esta realidade, que já enfrentamos há algumas semanas, traz impactos sobre a subjetividade, as emoções e a saúde mental. Cabe ressaltar que o rompimento da rotina de vida, associado ao confinamento voluntário, pode trazer emoções persistentes de culpa, de frustração, de raiva, de tédio, entre tantas outras que não devem ser negligenciadas.

Neste contexto de mudanças e incertezas, que afeta a todas(os) nós, de muitas e singulares formas, a saúde mental e o bem-estar têm sido objeto de preocupação crescente. Compreendemos que a promoção da saúde mental faz parte do trabalho de todas e de todos nós no âmbito do IFPR, na medida em que somos agentes da construção de ambientes e de relações mais saudáveis.

Promover a saúde mental não é apenas abrir espaços de expressão e acolhimento do sofrimento psíquico, mas também atuar pela defesa de contextos não violentos e não opressores, que valorizem a diversidade, os modos singulares de ser, e as formas coletivas de se produzir no mundo. Sabendo que o cuidado da saúde mental deve ser um compromisso de todas(os), endereçamos as seguintes reflexões à nossa comunidade do IFPR, com quem partilhamos as responsabilidades, as angústias e as potencialidades, enquanto servidoras e servidores públicos de uma instituição de ensino, ciência e tecnologia.

A COVID-19, aparentemente, é “democrática”: não faz distinção de nacionalidade, classe social, cor, gênero ou qualquer outra categoria que pudéssemos elencar; contudo, é sabido também que os impactos desta pandemia podem variar muito a depender dessas distinções, especialmente quando consideramos a população em vulnerabilidade socioeconômica - como é o caso de boa parte de nossas(os) estudantes, uma vez que 80% de nossas vagas são para cotistas. A situação se torna ainda mais grave pela precarização e pelos cortes de recursos nas políticas públicas (de assistência, de saúde, de trabalho, da educação etc.), inclusive tendo efeitos no âmbito do próprio IFPR.

A pandemia explicita a desigualdade de oportunidades e a fragilidade da noção de meritocracia, ao expor as condições de existência estruturalmente desiguais (sobretudo para as/os pobres, negras/os, indígenas e LGBTQI+), ou seja, as injustiças do sistema econômico-político e social em que vivemos. Demonstra a importância de um sistema público de saúde fortalecido (do investimento no SUS) e da defesa da educação pública e de qualidade. Escancara que as mesmas instituições públicas de ensino que vêm sofrendo um desmonte são essenciais para a produção do conhecimento científico e tecnológico no país, tendo, inclusive, um papel fundamental no enfrentamento de desafios como este da COVID-19. Diante disso, somos desafiados a atentarmos ao aspecto humanizador na/da educação e da escola como espaço de

construção do pensamento crítico e de sujeitos implicados ética e politicamente com a sua realidade. Em resumo, a pandemia evidencia a importância do cuidado mútuo e da coletividade, o que requer sensibilidade e consideração das diferentes realidades existentes.

Algumas(ns), dentre nós, contam com uma excelente rede de apoio e, no momento, podem acessá-la com facilidade - o que é um grande privilégio. Ainda que em distanciamento social, estas pessoas estão reunidas com aqueles que amam e podem se comunicar por videochamadas com os que estão distantes. Outros, contudo, são tomados por uma profunda solidão, pois o espaço escolar era o lugar no qual encontravam relações afetivas significativas e, agora, sua/seu principal amiga(o) - um(a) colega de sala de aula ou um(a) servidor(a) - está distante e, quem sabe, até incomunicável. Parcialmente ou totalmente privados daqueles que lhes são caros, estes estudantes se sentem, agora, desconectados da própria vida, pois nem todos convivem em um ambiente familiar saudável, respeitoso, acolhedor e colaborativo.

Há aquelas(es) que dispõem de mais tempo e recursos do que antes. Outros, todavia, passam a ter de lidar com novas demandas: a maior atenção dedicada aos filhos e filhas, as necessidades dos parentes e das pessoas próximas, as atividades domésticas - como a preparação de alimentos e a limpeza da casa, dentre outras. Há outros ainda, que em meio a tudo o que está ocorrendo, precisam sair de casa para trabalhar e suprir necessidades de primeira ordem.

Quando pensamos na realidade das(os) estudantes e das suas famílias, podemos nos perguntar: como será que estão enfrentando este momento? Que condição essa(e) estudante tem para “aproveitar” o tempo para adiantar a matéria ou complementar sua formação? Como é a qualidade do acesso à internet e às plataformas de educação, considerando um aparelho celular popular com uso de dados móveis? E o que dizer então daquelas/es estudantes que estão em situação de rua? E aquelas/es que têm necessidades educacionais específicas?

Além disso, não podemos esquecer que muitas(os) de nossas(os) estudantes estão enfrentando suas próprias “batalhas”. Algumas delas, anteriores à pandemia, e agora, agravadas. Famílias estão passando por reestruturações econômicas e relacionais, já que o isolamento fez com que dificuldades interpessoais ficassem ainda mais emergentes. Somado a isso, há a ansiedade e o medo de adoecer, de perder pessoas queridas, de perder a fonte de renda, entre outros, o que afeta a capacidade de atenção, memória e concentração, fatores imprescindíveis para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

As realidades são muitas e certamente nos escapam. Cotidianamente, tendemos a ignorar ou até mesmo negar que os mais variados recursos (físicos, econômicos, sociais, relacionais, psíquicos, entre outros) não estão distribuídos uniformemente.

Dentre outras questões, a pandemia nos convoca, enfim, a olhar para a vida humana como história de alguém e não apenas como um número em um conjunto de dados estatísticos: toda vida importa!

Junto a essas reflexões macropolíticas, a pandemia também nos convida a pensar sobre o microcosmo do nosso próprio trabalho enquanto servidoras/es, em que muitas vezes as condições e/ou relações se perdem na lógica produtivista/individualista. É importante que estejamos atentas(os) ao fato de que podemos nos sentir cobrados para entregar resultados, sem considerar, entretanto, que as condições de vida, de estudo e de trabalho já não são mais as

mesmas. Nesse sentido, importa notar que a lógica da produtividade é perversa ao desconsiderar os custos emocionais implicados no contexto em que vivemos.

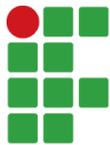
Também sabemos da responsabilidade que temos enquanto servidoras e servidores públicos em responder às demandas sociais existentes neste momento. O que pode nos levar a pensar sobre o significado do nosso trabalho e o valor que podemos agregar à vida dos estudantes por quem trabalhamos. É preferível lidar de forma ativa (não performativa e descontextualizada) com os desafios desse momento, em estratégias que façam sentido para cada um(a) de nós e para toda a comunidade.

Sabemos que se envolver em ações que atendam às necessidades do momento pode ser muito protetivo para a nossa saúde mental. Por exemplo, podemos colaborar com o acolhimento das(os) estudantes e/ou colegas em situação de vulnerabilidade socioeconômica; participar de mobilizações regionais, como campanhas que estão acontecendo nas cidades, para atender a diferentes realidades e grupos; contribuir no planejamento de estratégias de retorno junto às Direções, Coordenações de Ensino e Seções Pedagógicas; auxiliar na orientação da comunidade sobre serviços de emergência disponíveis, bem como sobre o acesso a políticas de assistência do Estado; promover ações para a manutenção do vínculo entre as(os) servidoras(es) e estudantes com a instituição (*lives*, *podcasts*, rodas de conversa, telefonemas, entre outras ações); e promover projetos e pesquisas que possam intervir, direta e indiretamente, no enfrentamento desse cenário.

Com a suspensão do calendário acadêmico e com as indefinições próprias deste cenário podemos nos perguntar: qual é o momento oportuno para voltar? Quais critérios adotar? Sem dúvida, há muitas pressões para que as atividades sejam reiniciadas, mesmo que tenhamos consciência de que o distanciamento físico é o método de prevenção mais protetivo para nossa comunidade. Se compreendemos que a preocupação primeira é a manutenção da vida, a suspensão do calendário acadêmico é a medida de menor prejuízo para nossas(os) estudantes e para toda a comunidade escolar.

Em algum momento, vamos retornar às atividades presenciais e, inexoravelmente, teremos que lidar com as marcas inscritas em nossos corpos, sejam elas quais forem. Cabe já refletirmos sobre a importância de respeitar o tempo e as experiências de si e dos outros, quando este retorno acontecer. Por isso, quando voltarmos, façamos uso do “pé no freio” ou da “marcha lenta”. O momento do retorno também irá demandar o desapego pelo planejamento anterior, que levou tempo e dedicação de muitos de nossas servidoras e de nossos servidores. Precisaremos problematizar a necessidade de “dar conta de todo o conteúdo” ou de “recuperar o tempo perdido”, como se fossem imperativos últimos - adequações serão necessárias. Todas(os) nós estamos vivenciando situações de perda, de várias ordens, portanto, sabemos que é necessária a reinvenção daquilo que tratávamos antes como o “normal” da vida.

Reconheçamos que este período traz várias aprendizagens: desconstruindo a ideia de que temos controle sobre os acontecimentos e eventos da vida; possibilitando outras compreensões sobre nós e as nossas relações; a necessidade da atenção ao cuidado conosco e com os outros, e até mesmo com o meio ambiente, colocando em questão nossos modos de vida. Também, sobre solidariedade, diversidade, luto, além de nos levar a compreender o mundo de forma mais crítica. Ademais, este momento nos faz refletir sobre nosso papel educativo, de lugar de educação formal, na nossa comunidade.



INSTITUTO FEDERAL
Paraná



Ministério da Educação

Resta-nos não apenas atravessar a crise, mas, também, deixar-nos atravessar por ela e, assim, aprender com ela. Dessa forma, podemos dobrar as forças que nos produzem e nos reinventar, dando contornos atuais à nossa própria existência. É tempo, portanto, de nos abirmos para novos afetos, para outras experiências, vendo o mundo a partir de outras perspectivas.

Cordialmente,

Psicólogas e psicólogos do Instituto Federal do Paraná

Aline Spaciari Matioli

CRP 08/13514
Campus Ivaiporã

Amanda Rottava

CRP 08/26216
Campus Assis Chateaubriand

Aneliana da Silva Prado

CRP 08/19673
Campus Curitiba

Bruno Eduardo Procopiuk Walter

CRP 08/13507
Campus Colombo

Camilla Corso Silveira

CRP 08/20143
Campus Curitiba

Danieli de Cássia Barreto Goessler

CRP 08/10875
Campus Telêmaco Borba

Douglas Alexandre Fernandes

CRP 08/16929
Campus Pitanga

Gustavo Matheus Rahal

CRP 08/19893
Campus Foz do Iguaçu

Marcos A. Hoffmann Nunes

CRP 08/17982
Campus Jacarezinho

Marcos Ayres Barboza

CRP 08/08302
Campus Paranavaí

Monia Karine Azevedo

CRP 08/17193
Campus Avançado Goioerê

Paola Gisela Carvalho Santos

CRP 08/19196
Campus Avançado Astorga

Rafaela Batista Santarosa

CRP 08/14246
Campus Umuarama

Salomão Lindoso de Souza

CRP 08/27192
Campus Paranaguá

Tatiana Mayumi Niwa

CRP 08/26772
Campus Pinhais

Telma Beiser de Melo Zara

CRP 08/10658
Campus Cascavel

Thais dos Santos Chaves

CRP 08/29968
Campus Avançado Coronel Vivida

Thaysa Zubek Valente

CRP 08/18954
Campus Irati